

## RESENHA

Rafael Charles Heringer Gomes\*

HAM, K.; ROSS, H.; HAARSMA, D. B.; MEYER, S. C. **A origem: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente.** São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2019. 304 p.

### APRESENTAÇÃO

Os primeiros capítulos do livro de Gênesis fornecem uma rica descrição da criação do mundo, a qual culmina na formação do homem à imagem e semelhança de Deus. Por séculos, esse relato foi para os cristãos a única fonte objetiva de informação sobre as origens do mundo natural e da humanidade. Os métodos investigativos da ciência moderna, entretanto, têm permitido que ela se aventure no estudo do tema. Dentre os frutos desse processo, encontram-se diversas conclusões que, ao menos superficialmente, divergem da revelação divina. Mesmo dentro da ortodoxia cristã, o aparente dilema possui um espectro de soluções possíveis, cada qual acoplada com seu próprio modelo de interação entre fé e ciência. Isso gera um ambiente de debate acadêmico difícil de ser superado e que reverbera no ensino em igrejas, lares e escolas.

O livro *A Origem*, escrito como parte da série *Counterparts: Bible and Theology* (e publicado em português por meio de uma parceria entre a editora Thomas Nelson Brasil e a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência), consiste numa amostra do estado atual do debate sobre as origens no meio cristão. Quatro autores, cada um representando uma vertente, foram convidados a expor suas posições em breves ensaios. Cada ensaio é seguido de réplicas dos demais autores e de uma tréplica.

---

\* Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (2019) e mestrando em Física pelo IFUSP, onde atua na área de Cosmologia Física. É também aluno do programa de Mestrado em Teologia (MDiv) do CPAJ, na área de Estudos Histórico-Teológicos, e diácono da Igreja Presbiteriana Paulistana, em São Paulo.

Ken Ham é o fundador do ministério *Answers in Genesis* e escreve como representante do Criacionismo da Terra Jovem. Hugh Ross é astrônomo e fundador do ministério *Reasons to Believe* e sua contribuição apresenta uma defesa do Criacionismo da Terra Antiga. Deborah Haarsma é a atual presidente da fundação *BioLogos* e representa no livro o Criacionismo Evolucionário. Stephen Meyer é diretor do *Center for Science and Culture* (do *Discovery Institute*) e escreve da perspectiva do Design Inteligente. O organizador, J. B. Stump, deixa explícita sua adesão à Criação Evolucionária e sua intenção, a meu ver bem-sucedida, de não privilegiar essa visão sobre as demais.

Os três primeiros autores mesclam em seus ensaios argumentos de natureza bíblico-teológica com discussões de evidências científicas. Em contraste, o quarto autor se prende a considerações científicas, como é o costume do movimento que representa. Dessa forma, o quarto ensaio apresenta um certo deslocamento de foco em relação aos três primeiros, ainda que não haja nele declaração de neutralidade religiosa. Em suas réplicas aos demais autores, Meyer, como cristão, distancia-se da postura do movimento e fornece posições pessoais.

### **CRIACIONISMO DA TERRA JOVEM**

O ponto central do ensaio de Ham é que uma interpretação fiel das Escrituras necessariamente implica em uma idade jovem (da ordem de poucos milênios) para o universo, a Terra e a humanidade. O autor estabelece esse ponto como consequência tanto do relato da criação em Gênesis quanto de uma compreensão panorâmica da mensagem bíblica. Seus argumentos abordam a duração e sequência dos dias da criação, as genealogias do livro de Gênesis, a possibilidade da morte antes da queda, os efeitos do Dilúvio e citações dos profetas e do Novo Testamento. O preço por incluir tal variedade de linhas argumentativas é que todas são exploradas de forma resumida e atuam como blocos independentes. A força retórica, por consequência, se mistura a argumentos pouco blindados, carentes de qualificações.

Após estabelecer seu ponto principal, Ham caminha para uma segunda parte de seu ensaio, na qual argumenta que a noção da Terra com milhões de anos de idade nasceu do naturalismo. Por consequência, todo o suporte empírico para essa noção fluiria de uma interpretação naturalista das evidências. O autor adota uma postura pressuposicional e nega a possibilidade de uma interpretação neutra das evidências. Assim ele conclui o argumento: os dados científicos devem ser interpretados assumindo *a priori* um universo jovem. Leitores familiares com a perspectiva dominante na ciência das origens podem sentir que o argumento está incompleto, visto que o autor não se prende à discussão de *como* realizar a interpretação proposta, mas prefere redirecionar o leitor a pesquisadores que assim procedem. Creio que essa escolha tenha sido intencional, uma vez que Ham busca fugir da extensa discussão de evidências e colocar o debate em termos de crer ou não na autoridade das Escrituras.

Por fim, o tom do ensaio é intransigente. Ham considera que interpretações alternativas à sua deixam portas abertas para o abandono de verdades centrais da fé cristã. Isso é exemplificado na introdução do seu ensaio, na qual há a sutil sugestão de que a ideia de milhões de anos na história natural tenha sido a causa do colapso moral da civilização ocidental. Enquanto essa belicosidade pode assustar em alguns momentos, os leitores serão cativados pela seriedade com a qual a palavra de Deus é tratada.

As réplicas de Ross e Haarsma ao texto de Ham assumem o desafio de interagir com a variedade temática de seus argumentos, sob o risco de não respondê-los adequadamente. Em contraste, Meyer dialoga de forma mais extensa com o ponto central do ensaio. Sem entrar no debate de evidências científicas, aponta razões para duvidar da relação condicional imposta por Ham entre a autoridade das Escrituras e a idade da Terra.

### CRIACIONISMO DA TERRA ANTIGA

Na introdução do ensaio de Ross, o autor elenca seis interpretações possíveis do relato de Gênesis que permitem uma Terra antiga (da ordem de bilhões de anos de idade). A lista não é extensiva, visto que é acrescida de um sétimo item que diz: “qualquer combinação das opções acima” (p. 93). Com isso, Ross mostra que o Criacionismo da Terra Antiga não é um movimento homogêneo. O que une as diversas subvertentes é a crença de que as asserções de idade dominantes na ciência moderna estão corretas, enquanto as descrições de uma história evolutiva da vida estão equivocadas.

Feita a ressalva inicial, Ross dá início à defesa da interpretação de sua preferência, a qual chama de *criacionismo do dia-era*. Essa visão usa o campo semântico do termo hebraico *yom* para sugerir que os seis dias de criação sejam equivalentes a “longos períodos de tempo sequenciais e não sobrepostos” (p. 94), cada um com milhões de anos de duração. Ross não dedica, contudo, muito espaço para argumentar em favor da abordagem do *dia-era*. Em vez disso, explora intensamente as consequências de uma *integração construtiva* entre a Bíblia e a ciência, postura que para Ross é característica do criacionismo do dia-era.

O tema principal do texto de Ross é seu “modelo de criação testável” (p. 99). O autor defende que é possível extrair das Escrituras informação científica o suficiente para criar um modelo com previsões passíveis de verificação empírica. Embora as considerações bíblicas de Ross possam fornecer *insights* importantes, creio que a insistência em um modelo testável obscurece o brilho do ensaio. Os textos bíblicos foram escritos a um público original que não conhecia nossas categorias contemporâneas de análise científica. Portanto, qualquer modelo testável definido nos termos de Ross corre o risco de impor ao texto bíblico um significado alheio a seu contexto histórico.

Há também uma circularidade intrínseca à abordagem de Ross. O autor faz uso de passagens dos Salmos, de Jó e dos profetas para inspirar seu modelo. A escolha de textos de natureza poética torna trivial a atribuição de significados novos, os quais são perceptivelmente influenciados pelo conhecimento científico moderno. Assim, quando Ross mostra dados científicos para confirmar as previsões de seu modelo, ele apenas retorna a premissas que já estavam implícitas na sua leitura das Escrituras. É possível que a Bíblia antecipe, de fato, algumas descobertas científicas. Essa dinâmica, entretanto, não é onipresente; assim, é perigoso buscá-la nas entrelinhas de textos poéticos.

A despeito disso, as tentativas de harmonização de Ross tocam em problemas de pesquisa relevantes dentro de uma visão cristã de Terra antiga. O autor aventura-se a discutir a data da criação de Adão e Eva, a extensão do dilúvio e a morte antes da queda. As soluções propostas podem despertar curiosidade ou estranheza, mas com certeza estimulam a imaginação do leitor. Mesmo deixando a impressão de uma leitura anacrônica das Escrituras, Ross elenca possibilidades que, contempladas à luz de seu caráter especulativo, constroem pontes entre a narrativa bíblica e a compreensão da ciência moderna.

Nas réplicas ao ensaio de Ross, há duas tendências distintas. Enquanto Ham e Haarsma estabelecem contrapontos, Meyer elabora um importante ponto de concordância com o autor: a negação da ancestralidade comum universal de toda a vida. Por meio de uma análise da estrutura lógica do argumento para a ancestralidade comum, Meyer mostra que ele é, no máximo, inconclusivo.

## CRIAÇÃO EVOLUCIONÁRIA

Enquanto os dois primeiros autores concordam ser impossível encaixar uma origem evolutiva do homem na teologia cristã, Haarsma surge como voz dissonante. Para a autora, o relato bíblico da criação não nos força a questionar o consenso científico sobre nossas origens. Pelo contrário, seu ensino se resume a afirmações que estão fora do escopo da ciência. Assim, o entendimento cristão de Deus como autor do universo e da vida pode ser conciliado com uma explicação natural, sem intervenções miraculosas, para o desenvolvimento destes. Haarsma reconhece que Deus agiu com milagres ao longo da história humana; mantém, todavia, que esse não foi o modo de ação divino na criação.

A primeira parte do argumento de Haarsma busca eximir o relato da criação de um choque com a ciência moderna. Para isso, a autora remonta ao conceito de acomodação, descrito por João Calvino. A ideia é que Deus acomoda sua mensagem a termos que o receptor pode entender com clareza. De acordo com Haarsma, o texto de Gênesis é escrito com uma linguagem que remete a concepções errôneas dos povos do Antigo Oriente Próximo, como a crença em uma Terra plana. Isso, contudo, não seria uma falha do texto, mas fruto do processo de acomodação – Deus propositalmente usou figuras

conhecidas pelos leitores originais para revelar a mensagem central do texto, de que ele é o Criador.

Essa leitura parece indicar que a palavra de Deus traz informações falsas sobre o mundo físico. Haarsma, entretanto, é cuidadosa em não explicitar essa possibilidade. A autora deixa em aberto se as concepções físicas arcaicas de fato comprometem afirmações proposicionais do texto sagrado. De acordo com sua abordagem, a mensagem central de cada escrito, como seria captada pelos leitores originais, é livre de erros. Essa mensagem, contudo, está imersa em um contexto cultural falho. Nesse ponto reside a ambiguidade – Haarsma não é clara se o contexto cultural reverbera apenas na linguagem, ou também em afirmações secundárias tidas como inspiradas pelos primeiros leitores.

Depois de suas reflexões bíblicas, Haarsma realiza uma revisão das evidências científicas para um universo antigo e para um longo processo de evolução da vida. Sua exposição inclui observações geológicas, astronômicas, paleontológicas e genéticas, explicadas de forma acessível e associadas às suas respectivas interpretações mais comuns. A autora conclui que a humanidade surgiu a partir de uma população inicial “de vários milhares de indivíduos” (p. 185), os quais evoluíram, em grupo, a partir de uma espécie animal ancestral. Esse ponto leva a autora a sugerir que se altere o entendimento tradicional sobre Adão e Eva. Se o casal realmente existiu, deve ter sido contemporâneo a outros seres humanos que não descendem dele.

Por fim, Haarsma reconhece que sua postura leva a dificuldades teológicas. Como resultado, sugere uma reavaliação de debates doutrinários da história da igreja. Novamente a autora escreve com cautela e faz questão de diferenciar teorias doutrinárias, as quais carecem de revisão, das doutrinas em si, que precisam ser mantidas.

As réplicas ao ensaio de Haarsma têm um foco em comum: disputar suas alegações científicas. As estratégias, todavia, são divergentes. Ham e Ross empenham-se em discutir as evidências específicas dispostas pela autora, enquanto Meyer introduz pesquisas recentes para criticar a afirmação mais geral do potencial do mecanismo neodarwiniano.

## DESIGN INTELIGENTE

O movimento do Design Inteligente (DI) é alvo de grandes controvérsias na comunidade científica. Sem o uso de recursos religiosos, apresenta-se como uma alternativa científica ao neodarwinismo. O objetivo geral de seus projetos de pesquisa é a detecção de sinais de *design* na vida e no universo, os quais apontem para uma mente criadora. Os críticos do movimento costumam categorizá-lo como pseudocientífico, em função de sua rejeição do naturalismo metodológico. Além disso, sugerem que a criação do movimento teria sido uma estratégia política “para contornar uma proibição da Suprema Corte dos Estados Unidos, de 1987, contra o ensino do criacionismo nas escolas

públicas” (p. 227). O ensaio de Meyer é uma defesa histórica e científica do Design Inteligente, marcada pela preocupação em combater os estereótipos aos quais a teoria é constantemente submetida e diferenciá-la explicitamente do criacionismo.

Na parte histórica do ensaio, Meyer ressalta a antiguidade do argumento do *design*. Para o autor, essa forma de pensamento vigorou desde a filosofia grega, passando pelos primórdios da ciência moderna, até o século XIX. A introdução do darwinismo na biologia, entretanto, deu origem a uma explicação alternativa para a complexidade da vida. Por isso, a ideia de uma mente por trás da criação começou a ser abandonada. Finalmente, para Meyer, a descoberta do DNA possibilitou um retorno ao conceito do *design*, o que culminou na criação do DI como movimento na década de 80.

O principal argumento científico do ensaio parte da presença de informação especificada nos sistemas biológicos para concluir que eles foram projetados. O caminho é percorrido com longas reflexões metodológicas, o que permite uma apreensão clara da linha de raciocínio usada. O autor também critica o mecanismo evolutivo neodarwiniano. Nesse contexto, elenca a impossibilidade do surgimento, por mutações aleatórias, de sequências genéticas que codifiquem proteínas funcionais. Esse ponto é estabelecido por Meyer de forma quantitativa, por meio de cálculos probabilísticos.

Para um leitor em busca de perspectivas teológicas, o ensaio de Meyer deixa a desejar. A ausência de comentários teológicos, todavia, é necessária para a manutenção da tese do autor, de que o DI distancia-se do criacionismo “tanto no método quanto no conteúdo” (p. 227). Quem tem familiaridade com a pesquisa científica encontra em seu artigo terreno fértil para debates e tem sua curiosidade estimulada para buscar mais literatura sobre o movimento.

As réplicas de Ham e Ross possuem tom amigável, embora ambas ressaltem a importância de complementar os argumentos de *design* com uma defesa do Deus bíblico. Haarsma, por sua vez, usa sua réplica para contestar as alegações científicas de Meyer, em um debate que segue caloroso pela tréplica do autor.

## CONSIDERAÇÕES GERAIS

Ao analisar o conjunto da obra, algumas questões tornam-se evidentes. Todos os autores advogam tratar a Escritura como inspirada; além disso, parecem olhar de forma positiva para a ciência. A maneira como entendem a relação entre fé e ciência, entretanto, é diferente. Essa é a causa de várias das discordâncias.

Ham e Haarsma deixam transparecer compromissos quase unilaterais. Enquanto a hermenêutica de Ham impõe limites para suas considerações científicas, o compromisso de Haarsma com o consenso científico impõe limites para sua hermenêutica. Em contraste a esses extremos, Ross constrói



um cenário no qual a ciência atual e o livro de Gênesis estariam em máxima concordância. Para isso, porém, precisa moldar de forma questionável o significado de ambos. Dessas três posturas metodológicas, creio que a postura de Ham seja a mais apropriada, porque, a despeito dos possíveis equívocos em suas conclusões, o cuidado de elevar a Escritura acima de todo pensamento humano é indispensável para uma prática científica genuinamente cristã.

Apesar de o livro conter uma variedade de visões, a impressão transmitida é de que algumas ponderações essenciais foram deixadas de lado, conduzindo a um retrato incompleto do tema. Penso que pelo menos dois pontos adicionais poderiam contribuir ao debate. O primeiro é o efeito dos milagres. A Bíblia está repleta de momentos nos quais Deus age de forma especial no mundo, contudo o papel da ciência é estudar as *regularidades* da natureza. Em momentos nos quais há suspensão de regularidade, surgem limites para a descoberta científica. Um estudo mais profundo dessa dinâmica poderia identificar até que ponto a ciência deve infiltrar-se na questão das origens, dada a possibilidade de ação sobrenatural.

O segundo ponto é a consideração do contexto histórico no qual o livro de Gênesis foi escrito. Haarsma aborda brevemente essa questão, entretanto a utiliza como suporte para uma leitura totalmente figurativa do relato. Por outro lado, os demais autores ignoram esse exame contextual. O debate certamente seria enriquecido com a presença de uma análise que fosse ao mesmo tempo ciente das peculiaridades históricas que subjazem o relato da criação e não comprometida com uma adesão absoluta ao consenso científico.

Para concluir, penso que nenhum dos ensaios propõe uma resposta completa, satisfatória e abrangente para a interação entre a ciência moderna e o texto de Gênesis. Em todos os ensaios, contudo, conseguimos encontrar contribuições relevantes ao tema. Recomendo o livro como uma introdução à variedade de visões cristãs sobre a origem, mas sugiro uma aproximação desprovida de grandes expectativas. Também é necessário cautela e discernimento na análise das alegações científicas, pois todos os autores concordam que suas próprias visões tem o apoio da ciência em detrimento das demais. Assim, um leitor que não seja versado nas ciências exatas pode correr o risco de abraçar caminhos interpretativos equivocados por mera preferência estética. O organizador da obra a conclui com um chamado para que os leitores se aprofundem no estudo das visões com as quais discordam. Complemento esse chamado com um lembrete: nossa visão das origens deve ser construída sobre um compromisso fundamental com a autoridade das Escrituras e um entendimento sadio, não caricaturizado, dos métodos e potencialidades das ciências.